

## O CORTIÇO SOB TRÊS VISÕES

Carlos Roberto Gonçalves da Silva<sup>1</sup>  
Maria Izabel Santos de Moura<sup>2</sup>

### RESUMO

*O Cortiço*, obra de Aluísio Azevedo, é um cânone da literatura brasileira, e, desde a sua publicação, vem sendo alvo das mais diversas análises e recebe variadas possibilidades de interpretação. Neste breve ensaio, apresentamos e discutimos as ideias de dois grandes críticos literários brasileiros: Affonso Romano de Sant'Anna (1975); (1977) e Antônio Cândido (1993). Objetivamos, portanto, responder aos seguintes apontamentos: (1) quais são os argumentos usados por Affonso Romano de Sant'Anna, em sua análise estrutural de *O Cortiço*; (2) o que há de semelhanças e diferenças entre a análise de Sant'Anna e o ensaio de Antônio Cândido *De cortiço a cortiço*; (3) qual o fechamento dessas análises a partir de *Curtição, o cortiço do mestre Cândido e o meu*, de Sant'Anna. A partir da reunião dessas contribuições para a leitura analítica e interpretativa de *O Cortiço*, esperamos contribuir para a ampliação dos horizontes de leitura da obra de Aluísio, além de dar uma visão ampla da obra de *O Cortiço* para o trabalho no ensino de língua. Dessa forma, organizamos este trabalho em uma introdução que situa o objeto em questão, seguida das seções individuais para o alcance dos objetivos elencados e uma seção de considerações finais.

**Palavras-chave:** O Cortiço, Literatura brasileira, Ensino de língua.

### INTRODUÇÃO

Costumeiramente, os ensaios e trabalhos de análise literária têm como pano de fundo a inserção das obras em uma escola, movimento ou período da literatura, fato que adentra os muros escolares, transpondo esse olhar para a abordagem na sala de aula dos textos fragmentados por momentos históricos cronologicamente organizados. Neste trabalho, faremos uma breve contextualização da obra em destaque – *O cortiço* –, não com vistas a utilizá-la como um fim em si mesma, determinando o romance e o seu autor a uma escola literária, mas com o objetivo de, a partir dela, ampliar a nossa análise comparativa das apreciações feitas do texto.

A obra naturalista, em termos gerais, se constitui na ficção de tratar o ser humano tal qual um objeto a ser cientificamente estudado, de modo que se abandonem os resquícios da literatura romântica. A literatura de base naturalista fecha as portas para metáforas e a

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras – Língua e Literatura Vernáculas, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – *Campus I*, [borges.carlosroberto9@gmail.com](mailto:borges.carlosroberto9@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda em Letras – Língua e Literatura Vernáculas, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, *Campus I*, [izabel.moura@hotmail.com](mailto:izabel.moura@hotmail.com).

subjetividade, tendo em vista que a realidade é (re)tratada tal qual é, na qual o narrador tende à impessoalidade, trazendo à tona assuntos relacionados ao homem que dificilmente seriam abordados em outros tipos de obras. O Naturalismo, geralmente, é associado ao Realismo, cujo foco estava na literatura como instrumento de análise social.

Aluísio Azevedo, autor de *O Cortiço*, é apontado por Bosi (2013) como expoente da ficção urbana no Brasil, nos moldes do seu tempo. Acerca da obra em questão, o autor destaca que nela Aluísio se ative à sequência de descrições extremamente precisas, nas quais “as cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do romance naturalista. Existe o quadro: dele derivam as figuras.” (BOSI, 2013, p. 201).

É nesse contexto que se insere *O Cortiço*. O romance possui uma vasta galeria de personagens, cujo foco volta-se para o cortiço do português João Romão. Dalcastagnè (2001) define o cortiço como sendo um organismo vivo, nascendo de tábuas roubadas e morrendo em um incêndio. É nesse intervalo de tempo que João Romão enriquece por meio da exploração dos miseráveis que ali residem. Vemos, no romance, a exploração da escrava Bertoleza, cuja alforria tão sonhada foi forjada por Romão, este que veio a ser seu companheiro e que, posteriormente, livra-se dela para casar-se com a filha do comerciante Miranda, tornando-se visconde e apagando seu passado sujo.

*O Cortiço* é um romance repleto dos preconceitos da época em que foi escrito, materializados nos diferentes aspectos que aparecem ao longo da narrativa. No decorrer do romance, surgem os diferentes modos de adaptação do português ao Brasil, além da luta dos negros e dos mestiços por sua sobrevivência. Como aponta Dalcastagnè (2001, p. 486), “Desse convívio de tipos vai se fazendo o romance, como ia se fazendo a nação.”.

No presente ensaio, reunimos as contribuições de alguns autores e suas diferentes visões acerca da obra de Aluísio Azevedo, realizando uma análise comparativa entre elas. Nosso objetivo é, portanto, sumarizar as ideias das três visões sobre *O Cortiço* comparativamente, além de dar uma visão ampla da obra de *O Cortiço* para o trabalho no ensino de língua. A primeira é de Affonso Romano de Sant’Anna que, em seu texto, realiza uma análise estrutural do romance, com base nas ideias naturalistas.

## O CORTIÇO: A VISÃO ESTRUTURAL DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Em seu texto, San'Anna introduz os argumentos a serem defendidos em seguida situando a obra como uma realização das ideias científicas do século XIX trazidos para a cena literária, o que se convencionou chamar de Naturalismo. Nela, podemos ver modelos científicos vigentes no século XIX gerados no campo da termodinâmica e da biologia, assim como resquícios do evolucionismo, este sob a forma de 'progresso' surge desafiando os organismos tanto simples quanto complexos. Nessa perspectiva, o que nos é apresentado na ciência como um progresso biológico, na narrativa aparece com um aspecto sociológico e social.

A proposta de Affonso Romano situa-se em torno de observações acerca da estrutura de *O cortiço*, que são:

1. A existência de dois conjuntos, um simples (Cortiço de São Romão) e um complexo (casa do Miranda);
2. A possibilidade de os conjuntos estarem sujeitos a um sistema de transformações, tanto ascendente quanto descendente;
3. A recorrência de personagens protótipos que são reduplicados numa série de personagens secundários.

Procedendo à análise do que foi delimitado, o autor define o conjunto 1 (o simples, representado pelo Cortiço de São Romão) por meio de sua composição tipicamente elementar, estando este voltado ao nível da natureza e do instinto. O nivelamento desse conjunto simples é de várias ordens, sendo dado pela horizontalidade que é sua dominante. Do ponto de vista social, os integrantes desse conjunto são em sua maioria negros e mestiços, e aqueles que são oriundos de outras raças mesclam-se em tão heterogênea mistura que tornam-se tão parecidos quanto aqueles, e sendo todos dependentes do regime imposto pelos elementos do conjunto.

Agrupam-se num coletivismo tribal e identificam-se mais pelas semelhanças do que pelas diferenças. O próprio nome – cortiço – marca a sua natureza. Num cortiço, metaforicamente falando, também a grande quantidade de abelhas são operárias com funções semelhantes, excetuando-se somente pela abelha rainha. (SANT'ANNA, 1977, p. 100)

A defesa do autor gira em torno de uma antropomorfização, mediante a qual não há distinção entre homens, objetos, animais e vegetais, fato que é comprovado pela recorrência de imagens geradas pelo narrador associadas a animais e insetos para a caracterização desse conjunto. Também defende, sobre o conjunto 1, que podemos encontrar a fisionomia ou planta de expansão do cortiço desde a sua célula inicial, que ao longo do tempo, realiza-se um modelo biológico de transformação da vida pela meiose progressiva, ilustrada no cortiço como: taverna > venda > quitanda > casa de pasto > bazar > grande armazém > estalagem > sobrado > Avenida São Romão.

Já o conjunto complexo, demarcado pela casa do Miranda, é caracterizado como lócus da cultura, pela vigência de regras mais definidas, além de existir entre seus elementos a coexistência baseada em um maleável regime de trocas, no qual prevalece os interesses e não o instinto. A relação entre esses dois conjuntos, por exemplo, se dá pela movimentação de João Romão que é inteiramente voltada para a saída do terreno puramente biológico e instintivo que caracteriza o cortiço e entrada na vida social organizada, regrada pelo sistema jurídico e político que representa a cultura.

O sistema de transformações, destacado no tópico dois que ordena a análise de Sant'Anna, é apresentado por meio de três personagens, cujos papéis na narrativa são diversos: Romão, Miranda e Jerônimo. O primeiro representa o elemento vitorioso na narrativa, sendo modificado e ascendendo na escala social e econômica, assumindo valores que são considerados positivos na cultura do Brasil. O segundo modifica sua posição social de aristocrata, atingindo o baronato. O terceiro, após conseguir ascender à posição de assalariado, se degenera ao inculcar os elementos do conjunto 1.

A figura da mulher também é ilustrada pelo autor em sua análise, sendo dividida em três tipos: (1) a mulher-objeto, (2) a mulher sujeito-objeto e (3) a mulher-sujeito. O primeiro tipo é evidenciado na figura de Bertoleza, o elemento feminino que se junta ao masculino para a criação do cortiço e, ao passo que o objetivo vai se concretizando, o elemento masculino afasta-se do feminino. O segundo materializa-se, por exemplo, na relação Estela/Miranda, sendo os dois colocados em nível de igualdade e ambos se beneficiando; ajusta-se o regime de trocas sexuais que são o contraponto das trocas sociais e econômicas. O terceiro tipo é manifestado pelas personagens femininas que exercem o poder através do sexo-luxúria, sendo destacadas pela dependência contínua ao macho, como Leonie.

Em seu último tópico de análise, o autor apresenta sua tese da reduplicação dos modelos de evolução e entropia. Na sua visão, *O Cortiço* é uma narrativa inteiramente interligada e, neste caso, reduplica os seus modelos principais. No caso do modelo da evolução e da entropia, temos o constante confronto entre os dois cortiços: o de São Romão e o Cabeça de Gato. O Cortiço de São Romão representa o traço evolucionista de que Sant'Anna fala, estando essa evolução intimamente ligada à de João Romão; a medida em que este ascende economicamente, seu cortiço evolui qualitativamente. O Cabeça de Gato, por sua vez, é a materialização do traço da entropia, que se torna o refúgio daqueles que não evoluíram nem se transformaram junto ao primeiro.

## **DE CORTIÇO A CORTIÇO: A VISÃO DE ANTÔNIO CÂNDIDO EM CONTRAPONTO À DE SANT'ANNA**

Em seu ensaio, Antônio Cândido apresenta uma análise mais profunda que a engendrada anteriormente. Embora amenize o discurso que evoca a relação infraestrutura e superestrutura, há a marcação de que o romance evidencia o critério econômico, trazendo a questão do acúmulo de capital no Brasil.

Curiosamente, o autor inicia seu ensaio situando a obra no Naturalismo, assim como no anterior, para a qual a obra deveria ser uma transposição direta da realidade para o texto. Sua crítica se fundamenta na escolha entre, pelo menos, duas perspectivas: ver a obra como uma duplicação da realidade ou como um objeto manufaturado com arbítrio soberano, cuja escolha seria mais favorável à análise literária. O autor opta pela observação de *O Cortiço* e sua fidedignidade aos contextos – e, nesse caso, defende que Aluísio Azevedo baseou-se em Émile Zola (*L'Assommoir*), para escrever sobre a vida do trabalhador pobre em um cortiço e em vários pormenores.

O primeiro tópico de seu ensaio retrata a diferenciação e a indiferenciação marcada em *O Cortiço*, cujo texto narra histórias de trabalhadores pobres que vivem amontoados em uma habitação coletiva. Neste ponto, a essência se dá à originalidade do romance que reside na coexistência do explorador e do explorado, o que é tornado possível pela natureza de acumulação num país como o Brasil que era, economicamente, colonial. A todo momento, Antônio Cândido retoma a relação entre os indivíduos pertencentes aos cortiços, tratando do enriquecimento que ocorre ao longo da narrativa (na figura de João Romão) e na história de

trabalhadores que estão ligados ao projeto de um explorador que tem por objetivo a obtenção de riquezas, motivo pelo qual Aluísio teria posto o sobrado dos ricos ao lado da habitação dos pobres.

Existe na narrativa uma língua do pê, segundo Cândido, que retoma Antonil, circunscrevendo para o Brasil três pê: pau, pão e pano. Neste caso, refere-se o pau aos castigos que os escravos desobedientes necessitam receber, o pão duro que mereciam como alimento para manterem-se vivos e o pano que seriam trapos para se vestirem. De forma mais atualizada, o autor retoma que para o português, negro e burro, são merecidos três pê – pão para comer, pano para vestir e pau para trabalhar.

O pão, na análise do autor, é o alimento do homem que, estendido ao animal, aproxima os dois. O pano só pode ser entendido de maneira figurada se houver, também figuradamente, uma confusão ontológica entre animal e homem, tal qual burro (animal) e burro (pessoa desprovida de inteligência). O pau é admissível ao ser aplicado ao animal, mas estende-se ao homem quando pensamos no negro. Há, em suma, nessa ideia dos três pê, uma animalização do homem, que se constitui como trabalhador desprovido de características humanas a ser explorado por aquele que detém o poder. O Cortiço é, na ideia de Candido, um romance de exploração, apresentando um mecanismo de formação de riqueza individual.

A verdade dos pê, mostrada pelo ensaísta, se materializa numa necessidade de autoafirmação do povo brasileiro, dividido sendo branco, brasileiro e livre. Na construção da narrativa, o branco é o explorador capitalista, manifestado na figura de Miranda e de João Romão; o negro é o trabalhador reduzido a escravo; o terceiro desse grupo é o homem socialmente alienado, reduzido ao nível de animal.

O espontâneo e o dirigido é defendido pelo autor como uma dialética percebida ao longo da narrativa em questão neste trabalho. A passagem desse espontâneo para o dirigido manifesta a acumulação do capital, tema que é recorrente na análise de Antônio Cândido, que “disciplina a medida que se disciplina, enquanto o sistema metafórico passa do orgânico da natureza para o mecânico do mundo urbanizado.” (CÂNDIDO, 1993).

Na sequência, o que se coloca em destaque é a relação de *O Cortiço* com o Brasil, apresentando que a força do romance, talvez, seja fruto da relação entre o plano real e o plano alegórico, fazendo pensar numa relação naturalista entre meio > raça > Brasil, enquanto o projeto do livro foi o de Natureza tropical do Rio > Raça e tipos humanos misturados > Cortiço. Em síntese, é defendida a ideia de que, no Cortiço, existe um mini Brasil, fruto da

aglomeração dos mais diversos tipos de pessoas, raças e origens, espelho de um país miscigenado e tão contrastante como são as terras brasileiras. O Cortiço é, portanto, um meio, um ambiente, carregado de características sociais, físicas e simbólicas.

Na perspectiva do ensaísta, em síntese, o movimento social que ocorre no Brasil é o mesmo movimento que ocorre na narrativa, fato que está associado ao Naturalismo: o cortiço é um sistema de relações concretas entre personagens e, ao mesmo tempo, relacionados a uma figuração do próprio país.

Quando fala sobre o meio e a raça, o ensaísta dá o exemplo de Jerônimo, um português honrado e comedido que se apaixona por Rita Baiana e, por causa dela, abandona mulher e filha. O que é defendido nesse tópico é que o indivíduo é influenciado pelo meio em que está inserido, fato que nem mesmo a raça age como fator limitante, tal qual o abrasileiramento de Jerônimo.

Na questão do reino animal, Antônio Cândido traça um perfil de animalização constante de todos os personagens, não apenas os negros e excluídos, que estão à margem, representados, no dizer de Sant'Anna (1977), pelo conjunto simples. O branco é apresentado como predatório ou avacalhado, enquanto o negro como desordenado. Todos os personagens do romance de Aluísio, portanto, possuem traços animais, o que é materializado em diversos momentos do texto.

Antônio Cândido aborda, também, a questão do sexo, inicialmente tratando da menstruação que era um tabu na época em que *O Cortiço* fora publicado, sendo isso exemplificado na figura de Pombinha, que só tem sua puberdade aflorada após ser molestada. Seu ensaio é encerrado com uma breve seção que trata acerca da força e fraqueza das mediações, funcionando como uma espécie de conclusão que agrega as ideias abordadas anteriormente.

A análise de Cândido não se difere muito da que é feita por Sant'Anna, uma vez que também está fundada na observação estrutural. A diferença que existe reside no fato de o primeiro sempre associar o que se passa na narrativa com a vida real, o contexto no qual a obra foi produzida, demonstrando de onde Aluísio bebe (do romance francês) para criar a complexa narrativa concernente ao Cortiço de São Romão.

Fato interessante de observarmos é a consideração de ambos os autores da animalização dos personagens na obra. Os traços humanos misturam-se de tal forma aos

animalescos, que os indivíduos que circulam pelo texto ora se encontram de maneira mais civilizadas (mas ainda apresentam traços de animais), ora mais instintivos. Para Sant'Anna, a animalização ocorre apenas para os que se situam no conjunto complexo, o que ele chama de antropomorfização, mediante o que não se distinguem objetos e homens, animais e vegetais.

Outro fator de aproximação entre as ideias dos dois textos é a consideração do acúmulo de riquezas no Brasil daquela época. Em Sant'Anna, há a consideração dos esquemas de ascensão social e material, manifestados nos personagens de João Romão e Miranda (bem como de um esquema descendente). Em Cândido, vemos a análise inteiramente permeada pela ideia de acúmulo de capital individual.

## A RESPOSTA DE AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Sant'Anna (1977), em *Curtição: o cortiço do mestre Candido e meu*, tece considerações sobre uma leitura interpretativa realizada por Antonio Candido de um texto seu publicado anteriormente<sup>3</sup>, em que analisava o romance *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Nesse sentido, em tons por vezes irônicos, Sant'Anna reflete acerca de diversas divergências entre ele e o Mestre<sup>4</sup> Candido sobre o texto em análise, colocando-as por meio de um debate saudável a fim de manter o diálogo aberto.

Inicialmente, o crítico literário reflete sobre questões voltadas ao número 3, considerando a dificuldade apontada por Candido de que a abordagem estruturalista de modelos na análise literária tem em concebê-lo, uma vez que essa forma metodológica “se apega às simetrias e bilateralidades do número 2” (SANT'ANNA, 1977, p. 165). Isto implica a conferência de uma tendência teórica atribuída ao Mestre que se revela, muitas vezes, como estruturalista genética, sendo esta mais aberta e menos ortodoxa. Contudo, também ressalta que Sant'Anna não se filia a uma forma encaixada de análise, mas se mostra numa abordagem “bastante compreensiva e aberta, pressupondo uma dúvida constante em relação aos ‘métodos’” (CANDIDO *apud* SANT'ANNA, 1977, p. 165).

É a partir dessas reflexões sobre o número 3 que nasce a primeira divergência entre os autores, já que Sant'Anna instaura que enquanto “produto superador de dualidades primitivas, [este número] pode ser uma recaída mítica de segundo grau” (SANT'ANNA, 1977, p. 167).

---

<sup>3</sup> Este texto foi publicado em *Análise Estrutural de Romances Brasileiros* (1973).

<sup>4</sup> Denominação diversas vezes utilizadas por Sant'Anna para se referir a Antonio Candido.

Este autor encara como mais produtivo a reflexão do porquê o vazio, se existente, é insuportável, ao invés de tentar preenchê-lo.

Tivera sido objetivo deste autor, em seu texto anterior e já mencionado, trabalhar com a observação de como modelos da Física e da Biologia influenciaram, voluntaria ou involuntariamente, o texto de Azevedo. Esta ressalva se torna fundamental para contradizer a leitura de Candido, posto que este intitulou os pressupostos da leitura do primeiro como “filosóficos e antropológicos, mais do que linguísticos”. A leitura em termos físicos e biológicos se justifica pela ideologia científica caracterizadora da época e amplamente absorvida pelo romance, já que se realiza em meio aos avanços positivistas e naturalistas.

Dessa forma, o autor busca desenvolver a análise, de modo amplo e complexo, como o mesmo conceitua, por meio da localização de dois conjuntos: “Conjunto 1 (São Romão) e Conjunto 2 (casa do Miranda), que definidos, respectivamente, como simples e complexo, mantêm um restrito e controlado regime de trocas” (SANT’ANNA, 1977, p. 170). Essa organização contraria a fala de Candido, que define a análise do autor como uma passagem da Natureza à Cultura, sendo que o que foi realizado é bem mais amplo que isso, mostrando “toda uma *economia da libido* individual (erótica) e social (econômica)” (op. cit., p. 171). Além disso, o autor revela a importância de se verificar os jogos verbais constituídos por meio dos nomes dos personagens, através da etimologia, no romance de Azevedo, por esse fato ser bastante significativo para a constituição do texto<sup>5</sup>, e não uma escolha “menos feliz”, como proferido pelo Mestre.

A discussão transcorre sinalizando algumas dualidades apresentadas por Candido, sendo polarizações centrais na narrativa e que implicam na mediação realizada nas análises, chegando este professor à conclusão de que a divisão fundamental do texto se centra na dualidade “entre ricos e pobres; e o Cortiço e o Sobrado têm sentido pleno em função, a saber: como Lugar do Pobre e o Lugar do Rico” (CANDIDO *apud* SANT’ANNA, 1977, p. 172-173). É a partir desse fato que o Mestre caminha sua análise, por meio de uma abordagem estruturalista de vocação genética, o que indica uma opção por interessar mais o exterior do texto, buscando seu reflexo no mundo.

Desse modo, há uma diferenciação declarada entre Candido e Sant’Anna, uma vez que este último não crê que o método sociológico sirva suficientemente para a leitura de qualquer

---

<sup>5</sup> A título de exemplo, “Botelho, agregado à família, é, também no dicionário, uma alga parasita, e a palavra ‘parasita’ lá está no texto” (SANT’ANNA, 1977, p. 172).

obra, sendo mais viável a determinados autores do que a outros<sup>6</sup>. Sant'Anna acredita que o olhar sobre o texto não deve se ancorar em uma única metodologia, enfatizando que “devem ser aplicados tantos modelos quantos sejam os que o analista perceba na latência da obra” (SANT'ANNA, 1977, p. 174). Com isso, conclui o autor, que uma análise somente sociológica não seria suficiente para dar conta dos vários modelos possíveis de se encontrar em Azevedo.

O autor continua apresentando divergências encontradas junto à reanálise de Candido, desta vez focalizando nas preferências de dualidades exaltadas pelo Mestre, na qual este diz ser Adulto x Criança e Homem x Mulher irrelevantes para a construção de *O cortiço*, no que só haveria relevância nas polaridades entre Brasileiro x Português e Branco x De cor. Sant'Anna é enfático ao apresentar que a dualidade Homem x Mulher não é irrelevante para a narrativa, pois decorre no que está manifestado no texto e, mesmo nos níveis da Sociologia e da Psicanálise, demonstrar relações de poder, que sinaliza a existência de três tipos de mulheres na narrativa: “a mulher-objeto, a mulher sujeito-objeto e a mulher-sujeito” (SANT'ANNA, 1977, p. 176). Fato este que torna necessário, segundo o autor, introduzir noções relativas à escravidão e soberania à relação entre feminino e masculino, revelando diversos caminhos interpretativos às personagens femininas, como Rita Baiana e seu poder de sensualidade, Pombinha em ingenuidade e Léonie como espaço da prostituição, ou mesmo Estela na aristocracia e Bertoleza na escravidão.

Outro ponto destacado por Sant'Anna é a ausência de problematização sobre categorias de “vencido” e “vencedor”. Questiona o autor as significações de afirmações como “os portugueses são de dois tipos: os que vencem e os que são vencidos, ao passo que os brasileiros são apenas os vencidos” (CANDIDO *apud* SANT'ANNA, 1977, p. 178). Para este, é alvo de reflexão o fato de Rita Baiana ter optado pela sensualidade ao invés de buscar vencer ou ser vencida; a “promoção” do cortiço à Avenida São Romão enquanto vitória coletiva dos brasileiros de lá residentes, ao passo que o cortiço Cabeça de Gato representaria a derrota; além da classe média emergente descrita ao final do livro, concedendo a transmissão do “lugar do pobre” para o “lugar do rico” em termos de grupo e não apenas na figura de João Romão.

---

<sup>6</sup> Cita Sant'Anna que essa metodologia conduziria muito bem a leitura de autores como Graciliano Ramos ou Euclides da Cunha, mas não seria suficientemente satisfatória para leitura de autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

Outra problematização pouco realizada por Candido, diz respeito, segundo Sant'Anna, a falta de exploração sobre a cor das pessoas descritas no conto, restringindo o mestre a presença de pessoas brancas, mestiças e negras no cortiço, enquanto que só brancos residem no Sobrado. Lembra Sant'Anna que mesmo no Sobrado, há a figura de Valentim, Leonor e Isaura, que são negros, destacando ainda que Valentim perturba o conceito de negro utilizado por Candido, uma vez que este personagem se torna o mais amado por D. Estela.

Por último, também há questionamento sobre as vertentes de ascensão social conquistada pelos portugueses, esquecendo-se Candido de tratar de um português, o Jerônimo, que se anula ao amor de Rita Baiana. Questiona Sant'Anna sobre as questões relativas ao trabalho, em termos de valorização e honestidade, nas ações ocasionadas pelos três portugueses do romance. O que se ocasiona, portanto, é que, como volta a chamar atenção Sant'Anna, é na impossibilidade de realizar uma leitura ampla por meio de um único método, considerando, contudo, que não são apenas divergências encontradas entre ele e Candido, mas que em muitos aspectos ambas as leituras se aproximam e, de algum modo, se completam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos e discutimos, neste breve ensaio, as contribuições para a análise interpretativa do romance de Aluísio Azevedo. Vimos desde as considerações mais estruturais até as que consideram a obra inserida em um contexto. A partir da comparação aqui feita, consideramos que pudemos demonstrar a importância de se ter uma visão completa das obras literárias, e não cerceada pela consideração estanque de um movimento ou escola.

As análises de *O Cortiço* feitas pelos autores aqui apresentados não são antagônicas nem dicotômicas, mas podem ser complementares, se considerarmos a essência de cada pensamento e ideal, levando em consideração estrutura, contexto e outros aspectos relacionados às obras literárias. Dessa forma, destacamos que observar e analisar uma obra literária a partir de várias óticas possibilita uma ampliação da própria forma individual de se colocar diante de um objeto de estudo, visto que se compreende melhor a multiplicidade de interpretações que um texto pode ter e por este motivo escolhe-se melhor qual ângulo seguir para fazer a análise. No entanto, essa escolha não passa a ser excludente, mas sim uma escolha que tem como base um foco a ser seguido.

Por fim, após observarmos diferentes perspectivas acerca da obra "*O cortiço*", percebemos que todas carregam marcas de uma coisa que é indissociável do texto literário: as

relações humanas. Seja qual for o ângulo em que se observe é impossível negar a nossa condição humana de sociedade, que intrinsecamente nos mantém em convivência independente do contexto em que estamos inseridos.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1991.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.

CÂNDIDO, Antonio. De Cortiço a Cortiço. In: \_\_\_\_\_, Antonio. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Da senzala ao cortiço - história e literatura em Aluísio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, nº 42, p. 483-49, 2001.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros, por Affonso Romano de Sant'Anna*. Petrópolis: Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_, Affonso Romano de. Curtição: o cortiço do mestre Cândido e o meu. In: \_\_\_\_\_, *Por um novo conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1977.